

REFLEXÃO OU DIALÓGICA: VIAS PARA A CONSTITUIÇÃO DE UMA ÉTICA

Marly BULCÃO

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

RESUMO

O artigo tem por objetivo analisar a relação entre razão e ética no pensamento de Léon Brunschvicg e Gaston Bachelard, mostrando que há divergências profundas entre estes filósofos, apesar destes possuírem um ponto em comum, pois defendem a ligação íntima entre ciência e ética.

O humanismo ético brunshvicguiano, ao afirmar a passagem da consciência intelectual para a consciência moral, está se fundamentando numa concepção de razão monológica, enquanto Bachelard, ao mostrar que a constituição dos princípios éticos tem como modelo a dialógica da cidade científica, está optando por uma razão e uma ética que transitam na via do humano, uma via repleta de contradições, mas nem por isso menos verdadeira.

RÉSUMÉ

L'article a pour but d'analyser les rapports entre raison et éthique chez Léon Brunschvicg et Gaston Bachelard, à partir de la démonstration qu'il y a des profondes divergences entre ces deux philosophes, malgré ils présentent un point commun qui est celui de soutenir la relation entre science et morale.

L'humanisme éthique brunshvicguienne, en soutenant le passage de la conscience intellectuelle à la conscience morale, a pour fondement la conception de raison monologique; tandis que Bachelard, par le fait de montrer que la constitution des principes éthiques a comme modèle la dialogique de la cité scientifique, il choisit une conception de raison et d'éthique, qui transite dans la voie de l'homme, une voie pleine de contradictions, mais qui n'en est pas moins véritable.

O campo da ética se diversifica num pluralismo de tendências, de problemas e de pensadores que, por sua vez, defendem perspectivas múltiplas, o que faz com que os estudos éticos se tornem, ao mesmo tempo, difíceis, complexos e fascinantes.

Consciente da impossibilidade de resumir, numa exposição sucinta, esse leque pluralista de tendências, decidimos delimitar o tema a partir de alguns critérios. Em primeiro lugar, vamos restringir nossa análise à questão da relação entre razão e ética. Optamos, em

seguida, por tomar como linha diretriz do desenvolvimento do trabalho, duas propostas filosóficas alternativas que historicamente tem se sucedido ou coexistido em confronto e que uma análise mais atenta pode detectar. E, finalmente, escolhemos dois pensadores contemporâneos que, a nosso ver, ilustram essas duas propostas.

A primeira proposta exalta a razão monológica e única que num processo cognitivo regido pela retidão

consegue alcançar a unidade. Para ilustrar essa posição vamos retomar o humanismo ético de Léon Brunschvicg.

A proposta alternativa, ao contrário, dessacraliza a razão, concebendo-a como razão humana, como razão que se desenvolve na singularidade e na concretude. Essa proposta terá como expressão a perspectiva ética de Gaston Bachelard.

É, pois, a partir dessas duas atitudes que vamos desenvolver o tema da relação entre razão e ética, detendo-nos na análise desses dois pensadores e começando por uma breve introdução à questão.

A idéia de racionalidade que serve de base à ciência atual foi legada ao Ocidente pela cultura da Grécia Clássica. A razão contemporânea foi, ao longo dos séculos, recebendo conotações específicas e conseqüentemente afastando-se de suas origens gregas.

A razão grega, mais ampla e mais abrangente que a atual, tinha por objetivo conhecer os princípios últimos do real, com o intuito de conciliar a existência humana a esses princípios, o que fazia com que a razão prática fosse inerente à razão pura.

A razão contemporânea, cujo propósito é construir projetos racionais que possam ser concretizados tecnicamente, impõe-se como “razão instrumental,” abdicando, assim, da discussão dos valores éticos, sociais e humanos, acreditando que estes extrapolam a racionalidade eminentemente científica e por esse motivo devem ser discutidos no âmbito da política e da ética.

Com isso foi estabelecido na contemporaneidade um marco intransponível entre ciência e ética. Conforme afirma Chaim Perelman “Não há passagem lógica daquilo que é para aquilo que deve ser”.

As duas perspectivas que vamos analisar têm em comum o fato de não aceitarem esse marco intransponível entre valores científicos e valores morais, apesar de existirem diferenças profundas entre o humanismo ético de Brunschvicg e a perspectiva ética bachelardiana. O abismo existente entre ambas as posturas decorre do fato de que a concepção brunshvicguiana, inserindo-se na primeira proposta, defende a idéia de unidade e continuidade da razão, enquanto Bachelard, exaltando o dinamismo do saber,

faz opção pela razão pluralista, que é um dos fundamentos do interracionalismo por ele defendido.

Brunshvicg, através de vasta obra e de erudição prodigiosa defende uma doutrina idealista que procura acentuar o caráter dinâmico da razão, mostrando o papel ativo desta na construção do saber científico.

Partindo do princípio de que é impossível à razão apreender um objeto diferente de si mesma, mostra que “o universo é o universo percebido por nós e que o conhecimento constitui um mundo que é, para nós, o mundo. Além não existe nada.”¹

Para Brunschvicg, a razão segue uma linha de progresso que pode ser compreendida de duas maneiras.

De um lado, há progresso porque a razão caminha no sentido de uma racionalidade cada vez mais ampla e mais coerente. Através de sua função analítica, a razão vai construindo cadeias e tecituras racionais, cujas relações são cada vez mais coerentes e objetivas. Em sua obra **Le progrès de la conscience dans la philosophie occidentale** Brunschvicg diz que “o triunfo da razão nos leva a concluir sobre o progresso da razão”.

De outro lado, há progresso porque, através da reflexão, a razão alcança a consciência de si. Essa segunda forma de progresso, desenvolvida pelo idealismo brunshvicguiano é a que vai nos interessar particularmente, pois constitui, em última instância, uma reflexão ética.

Conforme mostra Brunschvicg, num primeiro momento, a reflexão afasta a ilusão realista, ao mostrar que sujeito e objeto, “que eu e não eu” são resultados solidários de um mesmo processo cognitivo. O exercício de pensar afasta a idéia de que cada um é um indivíduo encerrado em um corpo, levando à conclusão de que a única realidade existente é a atividade de pensar.

Através do exercício de reflexão, a razão vai estabelecendo relações objetivas, chegando, assim, a “consciência intelectual”.

Segundo a tese brunshvicguiana do humanismo ético, a consciência intelectual é a primeira etapa, pois o exercício de pensar, faz também com que nos afastemos do centro puramente individual de nossos desejos e interesses, abdicando da atitude egoísta própria do homem. Dessa forma, chega-se à segunda etapa que é a “consciência moral”. Isso só é possível porque o exercício de reflexão conduz à conclusão de

que o indivíduo é, apenas, um dos termos e que a perspectiva do outro deve ser levada em conta. Para Brunschvicg “*compreender é se olhar do ponto de vista do outro como se fossemos parte de uma correlação*”.²

A consciência moral que se segue à consciência intelectual instaura uma norma de reciprocidade que é a regra da justiça e do amor.

Ao longo de sua obra Brunschvicg afirma que a idéia do humanismo ético já estava presente em Sócrates, cujo ensinamento tinha como objetivo mostrar que os homens devem confrontar seus discursos. Através da maiêutica socrática, o homem conseguia ultrapassar as margens de sua individualidade, fazendo com que a família, a amizade e a pátria passassem a ser conceitos constituídos no interior da consciência.

Brunschvicg relata num artigo³ como Sócrates interferiu na discussão travada entre sua mulher Xantipa e seu filho Lamprócles. Mostra que a solução socrática consistiu em pedir ao filho que se olhasse do ponto de vista de sua mãe e esta também fizesse o mesmo, colocando-se do ponto de vista do filho.

Para Brunschvicg, a reflexão impõe, pois, que nos coloquemos do ponto de vista do outro, o que permite alcançar a forma de conhecimento que beneficia o indivíduo e a coletividade.

Ao ressaltar que a construção dos princípios morais se dá no interior de consciência, Brunschvicg está enfatizando que segundo a tese do humanismo ético não tem sentido a constituição de códigos morais exteriores.

Pode-se, então, concluir que na doutrina ética brunshvicguiana, a consciência moral está intimamente ligada ao progresso da razão e que o exercício de pensar que leva, na ordem teórica, a constituição de verdades objetivas leva, na ordem ética, à elaboração dos princípios morais.

Apesar de ressaltar as transformações e a fecundidade da ciência, a tese de Brunschvicg traz em seu bojo aspectos de inércia da razão. Percebe-se que, por detrás do dinamismo da atividade científica, está a idéia de uma Razão substancialista que evolui, galgando patamares que a levam à plena consciência de si. Isso se torna mais evidente quando o humanismo ético mostra que a razão tem um fim último que é alcançar a identificação plena entre consciência intelectual e consciência moral, o que só ocorre quando a razão atinge a consciência de si.

A nosso ver existe no pensamento brunshvicguiano resquícios da concepção hegeliana de razão que evolui, mas que, por detrás das mudanças permanece idêntica a si mesma. Por esse motivo retomamos a tese do humanismo ético para ilustrar a primeira proposta que exalta a razão única e monológica.

Pode parecer estranho retomarmos a epistemologia histórico-crítica de Bachelard para falar de ética, pois, na verdade, não há nenhuma obra bachelardiana, cuja preocupação seja de ordem ética. Além disso, é unânime, entre os intérpretes do pensamento bachelardiano, o fato de ressaltar o caráter eminentemente internalista de sua crítica da ciência, mostrando que seu objetivo primordial foi expressar o “novo espírito científico,” não havendo preocupação em relacionar a ciência com interesses sociais.

Mesmo assim, insisto em retomar o pensamento bachelardiano para analisar a questão da relação entre razão e ética.

Fundamento minha decisão em dois aspectos. O primeiro é a idéia que perpassa toda a obra bachelardiana da necessidade de ser edificar uma “filosofia da cultura científica” e que, a nosso ver, tem implicações éticas. O segundo ponto diz respeito a uma conferência, pouco conhecida, pronunciada por Bachelard num Congresso realizado em Cracóvia na Polônia em 1934. Nessa conferência, intitulada **Valeur de la culture scientifique**, Bachelard deixa claro seu interesse em estabelecer uma correlação entre a razão científica e a constituição de uma ética.

Ao mostrar a necessidade de se edificar uma “filosofia da cultura científica”, Bachelard afirma que se deve detectar na formação do novo espírito científico novas normas de crescimento espiritual. Nesse sentido, na conferência de Cracóvia, a idéia de edificação de uma filosofia da cultura científica aparece relacionada com a idéia de uma educação moral.

Ao se discutir as bases axiológicas da ciência normalmente se parte da idéia de que o progresso científico coloca um problema de ordem política e moral, na medida em que se acredita que a ciência teria pressupostos ideológicos.

Bachelard inverte a perspectiva, mostrando que os problemas políticos e morais devem ser colocados de um ponto de vista científico para, assim, se chegar à nova solução.

Tomando como referência a conferência de Cracóvia, vamos desenvolver uma argumentação a partir de três aspectos principais.

Primeiro vamos mostrar que a discussão desenvolvida pela cidade científica põe em evidência uma psicologia do espírito científico que pode ser concebida como psicologia normativa. Em segundo lugar vamos mostrar que essa psicologia normativa permite definir o espírito científico como escola, e a cidade científica como a escola permanente. E finalmente, tornaremos evidente que um projeto político de educação moral deve, se fundamentar na implantação de uma cultura geral científica, capaz de construir, ao mesmo tempo, regras de conhecimentos e regras de ação moral, fazendo de cada cidadão um homem.

Nesse sentido, para Bachelard, “a realização científica não está tão distante quanto parece da realização moral.”⁴

A perspectiva bachelardiana pretende mostrar que o problema essencial da vida moral consiste em determinar no ser humano, tomado como sujeito singular, uma atitude objetiva social, pois “uma educação moral deve formar uma vontade solitária de ação social”.⁵

Dessa forma, os princípios morais devem ser alcançados, não só através do combate ao egoísmo dualista, como também através da construção de normas de ação social.

Retomando a obra bachelardiana **La formation de le esprit scientifique**, verifica-se que o conhecimento científico se constrói através da luta contra os obstáculos epistemológicos. Constata-se que os obstáculos epistemológicos são, de alguma forma, semelhantes aos obstáculos de ordem ética, pois tanto a moral como a ciência se constituem numa batalha contra interesses subjetivos, contra a experiência íntima e imediata, contra o egoísmo e a singularidade.

Considerando que, para Bachelard, o conhecimento implica no racionalismo intersubjetivo, não basta, para a construção do saber científico, combater os obstáculos epistemológicos, sendo necessário também a discussão dialógica entre os membros da comunidade científica. Um dos aspectos fundamentais da epistemologia bachelardiana é mostrar que a razão científica não é arquitetônica, mas sim polêmica, o que significa que esta se constrói através

da intercomunicação argumentava da “cidade científica”.

Nesse sentido, a ciência não é resultado da construção solitária, pois a verdade não é alcançada através do *cogito* fundamentado na subjetividade e na interioridade do sujeito, como afirmava Descartes. Para Bachelard, ciência é resultado do *cogitamus* da “cidade científica,” é resultado da argumentação dialógica e polêmica que se dá entre os membros comunidade ou seja, é resultado do racionalismo docente-discente, do corracionalismo.

Como diz Bachelard “ não é suficiente que um homem tenha razão, é necessário que ele tenha razão contra alguém.”⁶

Na conferência de Cracóvia fica claro que a teórica moral deve tomar como modelo a atividade racional que se desenvolve na cidade científica, na medida em que e deve ser também uma atividade intersubjetiva, através da qual os princípios serão construídos pela socialização da verdade e da objetividade.

Da mesma forma que a ciência alcança valores de verdade através do irracionismo, os princípios éticos devem se constituir através da discussão intersubjetiva, pois, só assim, é possível construir normas de ação social que serão acatadas por toda a sociedade.

Assim como a tarefa da ciência não é descrever uma realidade pronta, que existe independente do sujeito, a tarefa de construção dos valores éticos também não deve se fundamentar em princípios exteriores mas sim em princípios que tenham passado pelo crivo da discussão intersubjetiva.

Convém ressaltar que Bachelard está propondo um consenso racional que é muito diferente da convergência de opiniões, pois no consenso racional a constituição do verdadeiro implica numa reforma do espírito e, nesse sentido, o que conta não é o resultado mas o processo mesmo de produção da verdade.

Em diversas obras, Bachelard define o espírito como escola, mostrando que este se refaz num jogo dialético de aquisição de novos conhecimentos.

Se o espírito científico é escola, a cidade científica é uma escola permanente, pois nela o saber é sempre resultado da argumentação e da polêmica viva e fecunda.

Ao afirmar que a escola é o modelo mais elevado de vida social, Bachelard conclui que a cidade científica deve ser tomada como modelo de educação moral.

É necessário ressaltar que a tese levantada por Bachelard nada tem a ver com a idéia defendida na atualidade, de que a escola deve preparar para a vida social no sentido de formar profissionalmente o indivíduo para as necessidades do mercado. A tese bachelardiana afirma exatamente o inverso. Mostra que uma escola nos moldes que acabamos de descrever aliena o homem, pois, para ele, o valor de um conhecimento não deve ser analisado em função de sua eficácia, mas sim em função do procedimento intersubjetivo que o constituiu.

Para substituir as ações que tem base no individualismo egoísta por ações morais é, pois, necessário, pois, tomar como modelo o irracionismo da cidade científica.

Uma educação moral deve, assim, se fundamentar na edificação de uma cultura científica.

Considerando que “a idade da adolescência é a idade da eficiência máxima da verdade”⁷ pois é a idade, na qual o jovem se acha aberto à discussão e a renovação, Bachelard conclui a conferência afirmando:

“Quando nossas sociedades tiverem encontrado o meio de manter o homem no nível moral da adolescência terão resolvido em grande parte a questão moral e a questão social.”⁸

Ao enfatizar a dialética inerente ao irracionismo da “cidade científica”, mostrando que a constituição intersubjetiva da verdade deve ser tomada como modelo da construção dos princípios morais, Bachelard se insere na proposta alternativa a qual nos referimos no início do trabalho, na medida em que mostra que, tanto os valores científicos, como os valores morais, devem ser resultados da razão dinâmica e dialógica que se retifica e se refaz no seio de comunidades sociais. Nesse sentido, a razão bachelardiana é uma razão histórica, uma razão eminentemente humana.

Retomando as duas propostas que serviram de critério para nossa análise, podemos concluir que, na verdade os binômios unidade-pluralidade, continuidade-ruptura vinculam-se a questões permanentes que vem sendo formuladas e reformuladas desde os gregos. E

que agora estamos retomando para refletir sobre o tema da relação entre razão e ética.

De um lado situamos o humanismo ético de Léon Brunschvicg que, afirmando uma trajetória de continuidade de progresso da razão, mostra que os obstáculos enfrentados por esta são, apenas, provisórios, pois, na verdade, a razão tem como meta alcançar a consciência plena de si, na qual desaparece a distância entre razão pura e razão prática. Dessa forma, a razão brunschvicguiana, fundamento da ciência e da ética, se impõe como razão única, como razão que permanece, apesar das revoluções que se insurgem em seu caminho.

De outro, situamos Bachelard, para o qual a verdade científica e os princípios éticos são resultados do irracionismo e da construção polêmica travada nas comunidades sociais. Bachelard está, assim, optando por uma razão histórica, circunstancializada que emerge da dialógica consensual da cidade científica. Daí se conclui que para Bachelard, os valores racionais e éticos devem ser constituídos por uma razão que transita na via dos mortais, uma via repleta de contradições, mas que, nem por isso, menos é verdadeira.

Trocar o sonho de unidade pela diversidade e inconstância do mundo humano é também, o ensinamento de Nietzsche, quando, referindo-se à moral na obra: “Além do bem e do mal” nos diz:

“Assim como no reino das estrelas são às vezes dois sóis que determinam a órbita de um planeta, em alguns casos há sóis de cores diversas que iluminam um só planeta, (...) assim também nós, homens modernos, graças à complicada mecânica de nosso “firmamento,” somos determinados por morais *diversas*; nossas ações brilham alternadamente em cores distintas, raras vezes são equívocas - e com frequência realizamos ações *furta-cor*.”⁹

BIBLIOGRAFIA

BACHELARD, Gaston - **Le nouvel esprit scientifique**, Paris, PUF, 1934, pag. 26

_____ - **La formation de l'esprit scientifique: contribution à psychanalyse de la connaissance objective**. Paris, J. Vrin, 1972

_____ - **Le nouvel esprit scientifique**, Paris, PUF, 1934, pag.

- _____ - **L'engagement racionaliste**, Paris, PUF, 1972.
- BRUNSCHVICG, Léon. **Introduction à la vie de l'esprit**. 3 ed., Paris, Félix Alcan, 1923.
- _____ **L'expérience humaine et la causalité physique**. 3 ed., Paris, P.U.F., 1949.
- _____ **De la connaissance de soi**. Paris, Félix Alcan, 1931.
- _____ **Le progrès de la conscience dans la philosophie occidentale**. Paris, P.U.F., 1953, 2 v.
- _____ **De la vrai et de la fausse conversion et la querelle de l'athéisme**. Paris, P.U.F., 1951.
- _____ **Ecrits philosophiques**. Paris, P.U.F., 1951, 3 v.
- GIL, Didier. **Bachelard et la culture scientifique**, Paris, PUF, 1993.

NOTAS

- (1) Brunschvicg, L. - **La modalité du jugement**, Paris, Félix Alcan, 1921, pag. 2.
- (2) Brunschvicg, L. - **Le progrès de la conscience dans la philosophie occidentale**, v.II, pag.721.
- (3) Brunschvicg, L. - **Écrits philosophiques**, v. III, pag. 130.
- (4) Bachelard, G. - "Valeur morale de la culture scientifique" in Didier, Gil, **Bachelard et la culture scientifique**, Paris PUF, pag. 8.
- (5) Ibid, pag. 7.
- (6) Bachelard, G. - "De la nature de lo racionalisme" in **L engagement racionaliste**, Argentina, Siglo Ventiuno Editores, 1976, pag. 61.
- (7) Bachelard, G. - "Valeur morale de la culture scientifique" in Didier, Gil, **Bachelard et la culture scientifique**, Paris, PUF, pag. 9.
- (8) Ibid, pag. 10
- (9) Nietzsche, F. - **Além do bem e do mal**, São Paulo, Companhia das Letras, 1993, pag. 124.